UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Arquivo
T Bizarro

O Século, 19-05-1975

Os intelectuais e a Revolução

por Miguel URBANO RODRIGUES

As palavras que o brigadeiro Vasco Gonçalves dirigiu ao Congresso dos Escritores chamaram a atenção para um velho tema: o papel do intelectual na Revolução.

O Primeiro-Ministro recordou que os escritores portugueses contribuiram, «embora de uma maneira indirecta, para o amadurecimento das condições que possibilitaram o derrubamento do fascismo em Portugal». A homenagem foi justa. Destacadas figuras do mundo das letras tiveram em Portugal, durante os consulados de Salazar e Caetano, um comportamento digno e corajoso. Nunca se submeteram e souberam sempre encontrar formas adequadas para, através da criação artística, combater e denunciar o fascismo. Cumpriram, na sua frente, uma tarefa revolucionária.

Em condições mais favoráveis poderão desempenhar no processo revolucionário em curso um papel ainda mais importante e positivo? A pergunta justifica-se. Uma resposta categórica seria incorrecta. Nem todos os intelectuais ligados ao ofício de escrever que foram consequentes na luta contra o fascismo se manterão numa postura revolucionária. Identificar mecanicamente o intelectual antifascista com a prática da Revolução é uma atitude ingénua.

Há objectivos pelos quais certos homens se batem durante muitos anos com firmeza e valor e que assustam quando a sua concretização parece próxima. Como a realidade não se ajusta àquilo que imaginavam, passam a temer o que julgavam desejar.

Na sua marcha para o socialismo, a Revolução Portuguesa não transforma apenas estruturas económicas e sociais; altera também profundamente as existências individuais. E ninguém é mais sensível a mudanças nesse terreno do que certo tipo de intelectuais.

A burguesia gera uma «intelligentsia» que se volta contra o seu projecto e a desafia, mas cuja revolta só por si não destrói as sequelas de uma formação que, na maioria dos casos, acusa as marcas da ideologia burguesa. Quando o intelectual não leva até ao fim a ruptura com a classe que rejeita fica preso a ela por múltiplos vínculos. A sua própria vaidade dificulta uma clara consciencialização das dependências. O trabalhador intelectual tem, paradoxalmente, maior dificuldade do que o operário ou o camponês em descer ao fundo das motivações das suas escolhas decisivas. Julga o mundo e a história do alto da sua superioridade, utilizando instrumentos de análise que considera infalíveis. Admira-se a si próprio, porque, não sofrendo em grau apreciável na sua vida quotidiana as consequências materiais do sistema de exploração, o combate. Encara como transitórias as deformações provocadas na sua pessoa pela engrenagem que a envolve. E, contudo, está profundamente apegado ao que critica e repele.

A coerência difícil

Os professores de Ciências Políticas das mais tradicionais universidades americanas gostam de repetir que as revoluções socialistas trituram os intelectuais. A afirmativa é inexacta. São os intelectuais que se destroem a si próprios quando não conseguem superar as suas contradições, o seu individualismo pequeno-burguês, a sua vaidade, o seu egoísmo de classe.

As razões da deserção entrecruzam-se, justapõem-se e raramente os que abandonam o carro da Revolução ousam confessar os verdadeiros motivos, até porque têm uma percepção confusa do processo em que são sujeito e objecto.

Uma parte deserta porque não suporta o preço da Revolução. Muitos intelectuais não vêem um mínimo de atractivos no papel que lhes incumbe quando começam a surgir as condições pelas quais diziam lutar.

Numa sociedade capitalista, o rebelde intelectual é sempre, de certa maneira, uma vedeta. Se corajoso, traduz a revolta dos explorados, das vítimas do sistema que não têm acesso aos meios de comunicação, que não dispõem de instrumentos de denúncia como o livro, o teatro, a pintura. Numa sociedade a caminho do socialismo o quadro muda; o vedetismo reduz-se ou acaba. A função social do intelectual e o seu estilo de vida têm de se adaptar a uma situação histórica diferente. O que antes era positivo torna-se, por vezes, simplesmente ridículo.

Não é possível mais interpretar e traduzir os sentimentos do povo à maneira antiga. O espelho de uma vida oculta e reprimida passa a ser obsoleto. Pela acção e pela palavra, os trabalhadores fazem história, a classe operária demonstra à luz do dia que é ela a vanguarda da Revolução.

O intelectual — principalmente o escritor e o jornalista — só não fica para trás quando a sua ruptura com a mentalidade e as formas de comportamento da burguesia era anterior à Revolução ou quando tem a vontade e a capacidade de se transformar rapidamente no curso do processo. Alguns não se aperceberam de que, pelo facto de haverem cumprido tarefas correctas em tempos de tirania, não deixavam de usar a linguagem do possível, que era a linguagem imposta pela burguesia; e acabam por esquecer que se dirigiam sobretudo à burguesia e que estavam mais apegados a essa linguagem e a esse público do que imaginavam ao investir contra a totalidade do sistema e não apenas contra o fascismo. Só tardiamente captam também o significado e as implicações da sua própria condição de privilegiados. Pregar a austeridade numa revolução é fácil. Mas, para o intelectual sem um passado de militância, assumi-la em termos pessoais é quase sempre muito difícil.

O socialismo não é incompatível com a abundância e o conforto. Cria, pelo contrário, condições para que se ampliem e sejam extensivos a todo o povo. Mas a fase heróica das revoluções a caminho do socialismo exige que todo o revolucionário autêntico, quando privilegiado, dê o exemplo. E o intelectual, pela responsabilidade que lhe advém do manejo da palavra e das ideias, não pode fugir às opções que formula para os outros.

Os factos confirmam que uma percentagem ponderável não consegue renunciar sem esforço a facilidades inseparáveis da sua posição anterior numa sociedade de classes: as viagens frequentes, os longos e agradáveis fins-de-semana, os consumos supérfluos, os debates estéreis em torno de temas que antes eram, por vezes, canais de luta, numa palavra, a um padrão e um género de vida que, na nova situação, devem desaparecer.

O principal e o acessório

O brigadeiro Vasco Gonçalves lembrou que é preciso distinguir em cada momento «o que é principal e o que é acessório». Para muitos intelectuais esse é o grande desafio. Não tanto porque não possam encontrar a resposta. Podem. Mas ela não lhes agrada. Trabalhar, reflectir, escrever sobre o essencial implica pôr de lado toda uma atitude perante a existência, exige o abandono de assuntos cuja abordagem antes do 25 de Abril era significante e hoje, sem uma profunda revisão crítica, é, além de acessória, negativa.

Esse desafio, na Revolução Portuguesa como noutras, surge indissoluvelmente ligado ao conceito de liberdade. Há intelectuais que, definindo-se como antiburgueses, se identificam plenamente com o falso conceito de liberdade forjado pela burguesia. Não captam a contradição. Basta ler os jornais para verificar que muitos exercem a sua liberdade de maneira egoísta. Não só dão preferência ao acessório como cultivam os seus velhos temas numa linguagem antiga, elitista, de classe. Temperam artigos e ensaios com citações de Marx, Engels ou Lénine para se iludirem a si mesmos. Na opinião desses manipuladores de palavras, os clássicos do marxismo dão respeitabilidade revolucionária a tudo, desde um debate anacrónico sobre pornografia a ininteligíveis textos pseudofilosóficos cuja finalidade única consiste em chamar a atenção para o brilho, a cultura e o talento que o autor julga possuir e deseja ver reconhecidos, não pelo povo mas pela «intelligentsia», isto é, por uma minoria que, pelo próprio facto de gastar tempo a ler e discutir esses escritos, demonstra que constitui um corpo estranho à Revolução. Mas essa minoria, herança do fascismo, modelada pela ideologia burguesa, é o mundo dos intelectuais voltados para o acessório. Sem ela não teriam auditório nem função.

Para esse tipo de intelectuais, a liberdade não pode ser separada de uma estrutura social que os valorize e aceite, que considere indispensável tomar conhecimento das suas meditações líricas ou metafísicas, lhes garanta espaço em jornais e revistas para poderem oferecer ao mundo (eles são o centro do universo) a complexidade dos seus problemas íntimos, para revelarem o que sentiram aos 12 anos num piquenique ou o que descobriram nas últimas férias, quando contemplaram pela milésima vez as torres de Notre Dame ou quando dissecaram a tese inovadora do último analista da genialidade do pensamento do presidente Enver Hodja.

Profissionais do ofício de escrever amontoam-se já nas travessas da Revolução. Afastaram-se voluntariamente da estrada larga que conduz ao socialismo. Aqueles que dominam a forma mas confundem o domínio do idioma com talento e entrega revolucionária — e por isso se transformam em inteligências inúteis num período como o actual — serão os futuros Solzhenitzin e Kundera portugueses. Cada avanço da Revolução deixa-los-á mais isolados, mais agressivos, mais acorrentados a uma classe condenada a desaparecer.

Não poucos, resvalando de degrau em degrau, terminarão por descobrir, pelas veredas da meditação, que a Paris da «Rive Gauche» é mais agradável para viver do que a Lisboa revolucionária, incapaz de entendê-los. São irmãos gémeos dos escritores que Haydée Santamaria definiu como latino-parisienses. Amanhã contarão possivelmente com a solidariedade calorosa de intelectuais como Sartre, Simone de Beauvoir, Gorz, Rossana, Carlos Fuentes, Octavio Paz, Vargas Llosa e outros príncipes da «intelligentsia» que saíram à estacada, indignados, em defesa de Heberto Padilla, em 1971, quando Fidel Castro criticou a conduta desse poeta. Como Haydée lucidamente disse, a liberdade de expressão dos operários de uma fábrica ou de uma mina jamais desencadeou a solidariedade de certo tipo de intelectuais. Mas basta que um membro da família internacional das letras considere tolhida a sua liberdade de pontificar sobre tudo como um sábio infalível e intocável para que o espírito de classe funcione e o clã esqueça a teoria revolucionária para assumir uma atitude contra-revolucionária em defesa do colega atingido.

Os profetas da Revolução

Outra categoria de intelectuais que tende a desempenhar um papel cada vez mais nocivo é a que congrega os tutores e profetas da Revolução. Não são literatos. Consideram-se os herdeiros de Marx. Mas não pensam, nem agem como Marx. São voluntaristas que não assimilaram o materialismo dialéctico. Chegaram a conclusões definitivas sobre o destino da Revolução de Abril através de um idealismo subjectivista. Profetas da derrota, elaboraram análises e fizeram previsões que a história desmentiu. Mas continuam arrogantes e procuram justificar as profecias mediante novas teses cada vez mais abstrusas e gratuitas. Faltam-lhes modéstia revolucionária para uma autocrítica. Sentem-se comprometidos com as suas pequenas pessoas, com o que escreveram e disseram. São primos direitos dos sociólogos Anibal Quijano e Julio Cotler — dois exemplos-padrão — que em 1968 pretenderam adivinhar tudo o que se iria passar no Peru e não perderam tempo para colar o rótulo de pró-imperialista no processo revolucionário iniciado pelo general Velasco com o apoio das Forças Armadas. Ridicularizados pela história, escreveram desde então milhares de páginas para persuadir a «intelligentsia» de que, no fundamental, estavam certos.

Intelectuais desse tipo perferem a derrota dos povos e das Revoluções à derrota das suas teorias. Colocam o orgulho acima da Revolução.

Poderia inferir-se destas notas apressadas que elas refectem uma postura pessimista. Mas seria uma conclusão falsa. É a própria confiança no desfecho socialista da Revolução Portuguesa que permite a abordagem do tema. A arrancada revolucionária coloca a cada dia novos problemas que devem ser tratados com franqueza. O do comportamento dos intelectuais é um deles.

Afirmar que uma parte ponderável daqueles que contribuíram para o 25 de Abril, e se declaram ainda revolucionários e adeptos do socialismo, não irá até ao fim é chamar a atenção para uma realidade inelutável. A deserção de intelectuais constitui um fenómeno conhecido em todas as revoluções que apontam para o socialismo.

Felizmente, se muitos representantes de uma «intelligentsia» que, sendo burguesa, se vê como revolucionária e marxista, ficarão pelo caminho, é também verdade que a Revolução Portuguesa forjará uma nova geração de trabalhadores intelectuais à altura da tarefa histórica que os espera. Alguns estão aprendendo agora a escrever politicamente e nem conheciam a sua dimensão de futuros e autênticos revolucionários antes de Abril de 74. Não tinham passado público há um ano. Como aconteceu na Rússia de 17, na Cuba de 59, no Vietnam de 45. Não serão vedetas nem candidatos a tutores e profetas. Não olham as massas de cima para baixo. Saem do povo, falam a linguagem do povo, serão os arquitectos de uma cultura que surgirá como a síntese revolucionária de valores permanentes que o fascismo não conseguiu destruir em Portugal (porque as suas raízes mergulhavam no povo) e de novos valores e ideias criadas pelo povo na sua marcha para o socialismo.